



GT 011. Antropologia da Moral e da Ética

Carlos Eduardo Valente Dullo (UFRGS) -
 Coordenador/a, Roberta Bivar Carneiro Campos
 (Universidade Federal de Pernambuco) -
 Coordenador/a

A Antropologia se desenvolveu debatendo as regras e normas sociais, os processos de julgamento e atribuição de responsabilidade, as formas de sanção e punição, as prescrições e proibições, bem como os efeitos sociais das transgressões. A problemática da moralidade não é, portanto, estranha para a nossa disciplina. Entretanto, não se constituiu, até recentemente, um campo de pesquisa como o da Moral e da Ética. Tendo início com o debate sobre a tensão entre o universalismo moral e o relativismo das moralidades locais, passando pela redefinição dos conceitos de moral e ética sob a ética específica da Antropologia, esta agenda teórico-metodológica volta-se principalmente para uma preocupação com novos recortes empíricos como as figuras exemplares, as conceituações de liberdade e responsabilidade, as práticas de cuidado (care), os processos de recuperação após momentos críticos, as respostas sociais a tragédias, entre tantos outros recortes que observem seja o evento ordinário seja o extraordinário momento de quebra ou (re)instituição da moral - bem como as maneiras pelas quais os processos de mudança e de conservação se atualizam. Seguindo, portanto, a proposta de Laidlaw, Fassin, Robbins, Keane e Das (entre outros) uma antropologia que se volte para estes fenômenos compor, necessariamente, uma chave analítica transversal às mais diversas temáticas: religião, política, economia, família e parentesco, saúde e bem-estar, natureza e animais, direito, gênero e sexualidade etc.

Objetos morais na constituição da pessoa no Xangô de Recife

Autoria: Pedro Henrique de Oliveira Germano de Lima, Lígia Barros Gama Roberta Bivar Carneiro Campos

Buscamos nesse artigo compreender e analisar o processo de constituição da pessoa religiosa no xangô pernambucano dando ênfase ao modo de participação que existe entre pessoa e coisas, doravante analisadas como objetos morais. O xangô é uma religião de participação. Nesse ambiente tudo participa de/com tudo, mas os modos e as intensidades de participação é que fazem distinguir uma pessoa da outra. Esta religião como conhecemos com base em work de campo é estruturada por forças místicas, estas são os orixás, antepassados chamados eguns e o odum (espécie de destino de cada membro) que é relacionado ao orixá. No plano social, existe uma miríade de coisas materiais que dão sentido pragmático à componencial mística. Estas coisas materiais/ objetos morais constroem, restringem ou ampliam as participações e hierarquizam a complexa malha de pessoas presentes na religião, o que nos leva a compreensão de que objetos funcionam como códigos normatizadores e hierarquizadores de enquadramento da pessoa na religião e da sua constituição. Entendemos que a pessoa é constituída por suas relações e no processo de constituição todo e qualquer membro se relaciona não apenas com os deuses, mas também com as materialidades do sagrado que carregam a força dos deuses ou que são os próprios deuses. O sangue, fio de contas, roupas e assentamentos são alguns exemplos de objetos morais com os quais as pessoas participam. Estes objetos por carregarem a força do sagrado são elementos disciplinadores da religião. A adesão ao grupo implica na submissão a força do sagrada presentificada não apenas nas pessoas, mas também nestes objetos. Por entendermos que as materialidades são agentes, buscamos discutir na comunicação em tela o modo pelo qual as forças morais se materializam no sangue, fio de contas e nos assentamentos. Compreendemos a partir do princípio durkeimiano que toda força moral é um amplo sistema de interdições, que este não se sustentaria em abstrações. Sem as materializações à força do social (social é a própria religião) se perderia em abstrações. A força precisa se materializar. No caso do xangô antes de se materializar nas pessoas, ela se faz presente nos objetos morais que ordenam e constituem a religião como



um todo. Desse modo buscamos analisar e compreender como é que nas participações com os objetos as pessoas se constituem. Operamos desse modo coadunados com a proposta de Webb Keane em repensar a religião (em nosso caso o processo formativo da pessoa religiosa) a partir da moralidade como uma semiótica que nos permite compreender a relação que existe entre materialidade, moralidade, ética e ideias religiosas.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

